

**KARL RAHNER 100 ANOS**

*Em 1982, dois anos antes de seus 80 anos e de sua morte, Karl Rahner publicou um livrinho curioso. Intitulava-se “Meu problema” e alcançou 7 edições nos dois anos seguintes, sendo no mesmo período traduzido a seis línguas diversas. Eram 24 cartas em que o velho teólogo respondia a cartas de jovens que lhe expunham suas questões, não necessariamente teológicas: felicidade, contrariedades, gratidão, oração, Igreja, medo diante de decisões, os riscos da vida, confissão e sentimento de culpa, sentido da vida, solidão...*

*Pode parecer surpreendente que jovens lhe tenham escrito e ainda mais admirável que o consagrado teólogo se dignasse responder-lhes. No entanto, a estranheza só tem cabimento para quem desconhece seu espírito e seu zelo apostólico. Jamais deixou de estar atento aos problemas de cada época e de procurar para eles as respostas provenientes da mensagem cristã. Sua intenção neste livrinho era ajudar os jovens a explicitar o que experienciavam em sua transcendência de pessoas livres, sem que o verbalizassem e objetivizassem. Queria levá-los “a observar reflexamente que, sempre e inevitavelmente, [o ser humano] tem a ver com Deus” (Glaube in winterlicher Zeit [Fé em tempo de inverno], Düsseldorf, 1986, 134).*

*A preocupação de Rahner diante da juventude não era o ateísmo agressivo dos regimes comunistas, mas “o ateísmo da indiferença”, a questão de Deus transformada em tabu e reprimida como fora de moda. “Quem no deserto de uma tabuização secularizada da busca de Deus quer viver cristãmente com convicção e genuinidade, tem que querer ter a ver com Deus a partir da experiência mais íntima de si mesmo” (ib., 141). Antes se dizia: ‘Existe Deus’ e isto bastava. Hoje é preciso mostrá-lo a partir do centro da existência humana.*

Rahner começou sua carreira de teólogo escrevendo sobre temas patrísticos. A tese doutoral de teologia, publicada apenas em 1999, no contexto de suas obras completas, se intitulava: “E latere Christi – A origem da Igreja como segunda Eva do lado de Cristo, segundo Adão. Uma pesquisa sobre o sentido tipológico de Jo 19,34”, um tema eminentemente patrístico. À pesquisa das fontes estão dedicados também seus primeiros artigos e a edição alemã, profundamente retrabalhada e ampliada, da obra de M. Viller sobre a espiritualidade dos Padres da Igreja.

Na trilha de seu irmão Hugo e dos grandes estudiosos da Patrística seus contemporâneos (De Lubac, Daniélou, Congar...), Rahner não se contentou em pesquisar coisas antigas por mera curiosidade arqueológica, mas em trazer à luz a contribuição que a Patrística podia oferecer a seu tempo. Desse veio patrístico nasceu a “Verkündigungstheologie” (teologia querigmática) proposta por seu irmão e por Jungmann, seu amigo e colega na Universidade de Innsbruck. Sua inspiração patrística foi profunda a ponto de influenciar sua atitude de pensar não por mera curiosidade científica, mas tendo em vista a relevância do que pensava e escrevia, para a vivência cristã de seus contemporâneos.

Os Padres da Igreja eram pastores e teólogos. Como pastores falavam ao cristão comum; como teólogos, transmitiam-lhes um alimento espiritual sólido e profundo. Como pastores e teólogos assumiam a conceituação da filosofia vigente, para rebater os erros e reinterpretar o dado bíblico de modo acessível à inteligência e ao coração dos ouvintes. Rahner já foi chamado de “Padre da Igreja do séc. XX”, tal a repercussão de seu pensamento e a acolhida que lhe foi tributada. Mas essa denominação talvez tivesse mais sentido, se a tomássemos por um outro viés: o de responder a problemas vitais de pessoas concretas. Rahner, o teólogo difícil, com uma linguagem sumamente complexa, mesmo para seus conterrâneos, era um teólogo lido por todas as camadas da população. Apesar de um crítico alemão ter dito que Rahner não escrevia no idioma de Goethe, mas numa língua que se poderia denominar de “fachchinesisch” (chinês para especialistas), sua obra teve uma extraordinária divulgação na forma de livros de bolso, livros que, por definição, qualquer um carrega consigo para ler, enquanto espera numa fila ou viaja no metrô.

O segredo dessa divulgação provinha de que sua teologia não se originava de especulações de gabinete, mas de um sentimento profundo de solidariedade com seus contemporâneos. Rahner foi o porta-voz de toda uma geração insatisfeita com a maneira de viver o cristianismo e de pensá-lo com o instrumental de uma Escolástica esclerosada, numa atmosfera de medo diante dos “erros do mundo moderno”. Ele teve a genialidade de abordar as questões mais atuais e respondê-las partindo da Escolástica – que era o pensamento comum da Igreja de então –, mas superando-a e transformando-a a partir de dentro. Em face do tomismo engessado que os

*manuais divulgavam, Rahner entra na grande corrente do tomismo renovado que redescobre Tomás e estabelece entre seu pensamento e o pensar moderno um diálogo análogo ao que Tomás, no séc. XIII, entabulara com o Aristóteles recém introduzido no Ocidente.*

*Daí se origina o que já foi chamado de tomismo transcendental que abriu as portas da teologia católica ao pensamento moderno e tornou-a relevante para a geração pós-Segunda Guerra Mundial. Mesmo que já não fale ao mundo de hoje, essa teologia permanece um marco miliar a indicar para nós que é preciso ir adiante em diálogo com as filosofias que se vão sucedendo, pois a teologia não se pode diluir em mero comentário bíblico.*

*Porém não basta essa observação para desvelar o segredo da teologia de Rahner. Sem levar em consideração que ela brotava de uma espiritualidade, de uma experiência de Deus vivida e refletida, não se poderia explicar seu sucesso. Por mais complexa que fosse, ela falava ao coração e levava o leitor a descobrir em si a experiência de que o teólogo falava, ou a partir da qual fazia sua teologia.*

*Entra aqui sua filiação à espiritualidade inaciana, a que dedicou inúmeras contribuições, mas que sobretudo inspirou o sopro espiritual a perpassar toda sua teologia. Rahner não apenas pensava a fé, com a objetividade de um estudioso; ele a pensava, com a convicção de um apaixonado. Por isso pôde declarar com toda simplicidade que sua teologia não era científica, fazia obra de diletante. Com a palavra “diletante” Rahner queria significar que sua obra toda não era o resultado de uma pesquisa aprofundada sobre tudo quanto se escrevera sobre o assunto abordado, pesquisa que lhe permitisse tomar posição, propondo algo diferente. Seu “diletantismo” consistia simplesmente em que, guiado pela intuição, escrevia o que julgava ser necessário escrever, considerando a problemática de seus contemporâneos, respondendo não só a seus conterrâneos centro-europeus (cf. “Einfache Klarstellung zum eigenen Werk” [Simples explicações sobre a própria obra], em: *Schriften* XII, 599), mas a toda a Igreja espalhada pelo orbe, como mostra a tradução de sua obra nas mais diversas línguas.*

*Animado pela espiritualidade inaciana, Rahner, como o santo fundador de sua ordem religiosa, era um “homem de Igreja” (apodo dado por seu irmão Hugo a Santo Inácio de Loyola). “Homem de Igreja” no grande e no pequeno. Capaz de escrever sobre as práticas comuns na piedade de seu tempo, de forma respeitosa mas, ao mesmo tempo, abrindo novos horizontes; de submeter-se humildemente à censura prévia que lhe foi imposta nos anos anteriores ao Concílio; de aceitar com humildade o papel secundário que lhe foi atribuído na preparação do Concílio. Mas também capaz de expressar sua indignação pelo abuso de poder na Igreja, quando, por influência do Cardeal Ratzinger, seu amigo e discípulo J. B. Metz foi preterido na escolha de um novo ocupante para a cátedra de teologia fundamental da Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Munique.*

*“Homem de Igreja” soube esperar a hora de deixar seu papel subalterno na preparação do Concílio para tornar-se um dos teólogos impulsionadores do Vaticano II no rumo que lhe imprimira João XXIII. Sua influência é difícil de aquilatar e qualquer quantificação feriria a objetividade. Entretanto, não ficaria longe da verdade quem dissesse que, sem sua influência, o Concílio não teria sido totalmente o que foi. Seus pareceres, suas palestras para os episcopados das mais diversas nacionalidades, sua participação nas diversas comissões – tudo isso facilitado por seu domínio do latim, então ainda a koiné da Igreja católica –, testemunham de sua importância nesse grande evento da recente história eclesial.*

*Ao mesmo tempo em que se dedicava intensamente ao trabalho de assessoria no Concílio, levava adiante a segunda edição da monumental enciclopédia católica alemã, o Lexikon für Theologie und Kirche, obra que ficou marcada por seu pensamento a ponto de dizer-se a boca pequena que a terceira edição, recentemente concluída, fora empreendida dentro de um espaço de tempo tão breve, para apagar o pensamento rahneriano dessa obra de referência de primeira importância na pesquisa teológica. Mas o Lexikon foi apenas uma das tantas obras renovadoras que nasceram de sua inspiração ou tiveram sua colaboração. Lembrem-se, entre outras, Sacramentum Mundi, Mysterium Salutis, a revista Concilium.*

*Seria incompleto esse sobrevôo pelo significado de Rahner, se esquecêssemos sua atuação como professor de teologia. Começou seu magistério teológico em Innsbruck e aí lecionou, num primeiro breve período até a Faculdade de Teologia ter tido a honra de ser supressa pelos nazistas; na provisoriedade do pós-guerra, lecionou teologia por três anos em Pullach; depois, a partir de 1948, um longo tempo em Innsbruck, para, após uma rápida passagem por Munique, na cátedra livre de “Visão cristã do mundo”, voltar ao magistério teológico nos últimos anos de sua atividade docente, lecionando na Universidade de Münster (1967-1976).*

*Quem foi seu aluno, recorda que Rahner, embora como bom professor alemão preparasse por escrito suas aulas, era um improvisador que, para delícia do auditório, pensava em voz alta durante as aulas e, especialmente, durante os seminários. A linguagem oral é uma característica sua e talvez um dos fatores que tornam difíceis seus textos escritos. Seu horário do tempo da maturidade teológica marca essa característica: a manhã era dedicada a ditar seus textos, que, com isso, mesmo escritos, conservam a característica da linguagem oral e do pensamento em construção.*

*Sua difícil linguagem não provém de um desejo de ser artificial e complicado, mas da densidade de seu pensamento que se espelhava na estrutura da linguagem. “Dichter”, o termo próprio alemão para poeta, provém do substantivo “Dichte” (densidade) ou do adjetivo “dicht” (denso): poeta é aquele que se expressa “densamente”; ou, talvez mais corretamente, o “densificador”, o “adensador”. O teólogo Rahner – como o poeta de que*

fala em seu texto “Priester und Dichter” (Sacerdote e poeta: *Schriften I*, 349-390) – é o homem das palavras densas, evocadoras, iluminadoras, das protopalavras, como ele as chamava. De sua obra vale: “quando a realidade aparece em palavras, como no primeiro dia, aí está atuando um poeta [Dichter] [...], mesmo que [...] ele se considere meramente um filósofo ou um teólogo” (ib., 357). A densidade de sua linguagem chegou a render-lhe até mesmo um prêmio de literatura pela adequação da linguagem ao pensamento, em que pese a crítica de muitos a sua forma de expressar-se, e a anedota sempre repetida, segundo a qual seu irmão Hugo lhe prometera dedicar sua velhice a “traduzir para o alemão” a obra de Karl.

Uma dessas protopalavras a que Rahner deu nova vida, foi “Mistério” [Geheimnis]. Ele teve o dom e o mérito de fazer brilhar de forma nova e surpreendente essa palavra que, no horizonte gnosiológico dos séc. XVIII e XIX, se orientara por uma compreensão racionalista e fora assim relegada ao rol do secundário. De conceito-limite que “Mistério” se tornara, nessa perspectiva, Rahner o transformou magicamente num conceito básico, originário. De modo deficiente do conhecimento, a aceitação do “Mistério” se torna, graças ao “Dichter” Rahner, um conceito central que corresponde à pericorese de conhecimento e amor que plenifica o espírito humano. Libertado das amarras racionalistas, “Mistério” se transforma no objeto adequado ao intelecto, entendido como a faculdade que só chega a sua plenitude no amor. Seu caráter obscuro e, por isso, desinteressante deixa de existir para dar lugar à concepção do Mistério como o mais evidente, porque, na qualidade de “para-onde” da transcendência, constitui a condição de possibilidade de toda apreensão e compreensão. O ser humano está assim, até por natureza, envolto no Mistério, ordenado ao Mistério. Longe de ser um tema periférico e acidental, o Mistério sagrado é aquela realidade de que o ser humano vive, também quando e onde não tem consciência disso. Adjetivos como “uferlos” (sem praias, sem margens) para indicar a infinitude do Mistério, “heilig” (santo, sagrado) para acentuar a transcendência de liberdade do Mistério, são expressões da capacidade de Rahner de, também em outros casos, revigorar os conceitos e transformá-los em protopalavras ou revelá-los como tais.

Homem sempre atento à atualidade, não passou despercebida a Karl Rahner a tendência eclesial a uma “volta ao gueto” ou os indícios de um “inverno na Igreja”. Incentivando os sinais de esperança, o rompimento de barreiras, a abertura para o futuro, ele será um baluarte a deter a avalanche conservadora. Assim se explica sua posição quando, nos anos 70-80, a discussão em torno à teologia da libertação se tornou acirrada. Considerou essa nova forma de fazer teologia uma lúdima possibilidade para a América Latina e reconheceu sua importância na missão de abrir os olhos da Igreja para a injustiça estrutural. Defendeu a legitimidade de pensar o todo da fé a partir da experiência de falta de liberdade e de justiça; de compreender “a práxis da vida cristã não apenas como âmbito de aplicação de princípios

*crístãos, mas também como lugar originário do conhecimento da fé*” (Befreiende Theologie – Der Beitrag Lateinamerikas zur Theologie der Gegenwart [Teologia libertadora. A contribuição da América Latina para a teologia da atualidade], Stuttgart, 1977, 7).

Num posfácio a uma espécie de martirologio latino-americano, Rahner reconhece que as mortes na luta pela libertação, pela justiça, pela dignidade humana, tão numerosas na América Latina dos anos 70-80, eram verdadeiros martírios, “no sentido teológico estrito da palavra”. Correspondiam à missão sobrenatural da Igreja, mesmo quando permaneciam martírios “anônimos” (M. LANGE – R. IBLACKER [Hrsg.]: Christenverfolgung in Südamerika – Zeugen der Hoffnung [Perseguição a crístãos na América do Sul – Testemunhas da esperança], Freiburg i. Br., 180). E conclui: “Pode-se, quando se lê este livro, rejeitar visceralmente a teologia da libertação como secularismo moderno? Ou deve-se conceder que seu ‘Sitz im Leben’, seu ponto de partida é legítimo, porque ela começa no ponto em que o caminho também conduz ao fim, no qual alguém dá sua vida pelos irmãos? [...] Podemos nós, acomodados em nosso ambiente de bem-estar burguês, difamar tais teólogos, quando lá [na América Latina] uma tal sentença teológica pode ser na prática sua condenação à morte?” [ib., 181].

Subjacente à posição de Rahner em face da teologia da libertação está sua eterna capacidade de aprender, sua convicção de que a Igreja só poderá conservar a verdade do passado se tiver coragem para um futuro novo. Como exemplo dessa atitude baste lembrar que, depois do curso que ministrou na Universidade de Münster, juntamente com o exegeta W. Thüsing, a cristologia transcendental de uma primeira fase de seu teologar modificou-se em contato com o dado bíblico. Ou como evoluiu seu pensamento sobre a relação entre pecado original e poligenismo: da afirmação da impossibilidade de harmonizar a doutrina católica do pecado original com o poligenismo passou, no decurso de pouco mais de dez anos, ao reconhecimento tranqüilo dessa possibilidade, sempre na preocupação de compor a honestidade intelectual com a fidelidade à Igreja.

Rahner recalca constantemente a necessidade de olhar para o futuro. E o futuro, no caso da divisão entre os crístãos, é a unidade da Igreja. Sua contribuição ao diálogo ecumênico não se reduz à forma de fazer teologia, em resposta aos anseios de seus contemporâneos, mas se explicita em muitos artigos sobre o tema e principalmente em duas obras sumamente promissoras. A primeira, de 1974, sobre a questão dos ministérios e seu reconhecimento entre as Igrejas crístãs, é um modelo da síntese de que Rahner era capaz entre ousadia e prudência. Elaborada em forma interrogativa, a obra faz desfilar diante do leitor todos os problemas-chave, com soluções ousadas que, no entanto, Rahner não desposa diretamente, mas pergunta por que não seria possível adotá-las, desde o ponto de vista católico. As perguntas são formuladas de tal maneira que equivalem a uma argumentação cerrada.

*A segunda, de 1983, foi escrita juntamente com Heinrich Fries, professor de teologia fundamental em Munique, um grande nome do ecumenismo católico alemão, e propunha em 8 teses, devidamente explicitadas num segundo momento, a unificação das Igrejas cristãs como uma possibilidade real.*

*Quando se tratava de diálogo, Rahner estava sempre na primeira fileira. Nada mais natural que tenha sido figura de primeiro plano no diálogo com o marxismo, promovido pela Görres Gesellschaft em plena época da Guerra Fria, com a participação das grandes cabeças pensantes de ambas as partes. Também no referente ao diálogo inter-religioso, Rahner foi dos primeiros teólogos que se ocuparam com a questão da salvação através das religiões da humanidade.*

*Celebrar uma data significativa de um grande expoente do pensamento humano – no caso: da teologia – é um convite para refazer em nosso contexto o caminho que percorreu. Embora brevemente evocada em diversos ângulos, não nos devemos deter na figura do passado. Sob muitos pontos de vista – como sua teologia transcendental, seu diálogo com a Escolástica – Rahner já não é mais acessível à geração que começa agora seu itinerário no campo da teologia. Mas as atitudes de Rahner como teólogo merecem ser cultivadas pelas gerações futuras: a abertura aos problemas do momento, a fidelidade crítica e criativa à doutrina da Igreja, a necessidade de um diálogo interno da fé com a filosofia, a preocupação constante para que a teologia ajude as pessoas a encontrarem a Deus, o cultivo de uma teologia que aponte para a experiência de Deus e não se delicie em disquisições sutis sobre conceitos.*

*Celebrar os 100 anos do nascimento de Rahner deve recordar a uma Igreja que cada vez mais parece desconfiar dos teólogos ou temê-los, que a teologia é um serviço fundamental na explicitação da fé. Que o pior perigo da Igreja hoje é a recusa a pensar sistemática e criticamente a fé diante da problemática da pós-modernidade, da globalização, do neoliberalismo, do consumismo, do mundo da informática, enfim diante da avalanche de novidades com que se molda a cultura atual. A Igreja precisa voltar a tomar consciência de que a teologia não é concorrência ao magistério, mas contribuição indispensável a ele. E que o verdadeiro perigo para o futuro da Igreja é um magistério que dispensa o pensar crítico e o diálogo com a atualidade.*

*Rahner também nos recorda, em seus 100 anos, que um grande teólogo não é uma estrela solitária no firmamento da Igreja, mesmo que seja uma das mais brilhantes. Os grandes teólogos são fruto de instituições que se preocuparam por propiciar a formação teológica necessária às novas gerações. Por trás da figura de Rahner está a Companhia de Jesus que pensou suas políticas de formação, incentivando uma vida intelectual séria, que não assumiu as chamadas “24 teses tomistas” como se fossem um catecismo,*

que não se satisfaz com uma Escolástica esclerosada e confiou na inteligência e na fidelidade à fé daqueles que destinou ao estudo teológico. O que se diz da Companhia de Jesus, vale da Ordem dos Pregadores que deu ao Concílio um Yves Congar, entre outros; vale das dioceses que não se contentaram em formar pastores medíocres, nem a conviver com a superficialidade, mas visaram a que seus ministros unissem fé, vida espiritual e erudição, o que possibilitou um contato crítico e criativo com o mundo em que viviam. Diante de um personagem tão importante não se pode perder de vista o de onde esse personagem surgiu. Nem se pode deixar de perguntar se há ainda na Igreja espaços propícios para o cultivo do desafiante diálogo entre fé e razão.

Rahner nos faz lembrar a urgência de pensar o cristianismo para o mundo de hoje. Nossos contemporâneos virão à fé, se formos capazes de mostrar toda a força da vida cristã. Ele foi mestre em unir reflexão e experiência cristã, teologia e espiritualidade. O vigor de sua teologia vem da convicção de que se pode fazer experiência de Deus e essa experiência alimenta a teologia. É ela que deu a Rahner liberdade diante do passado e fidelidade ao patrimônio da legítima tradição, a que vem dos Padres da Igreja. Nesse sentido, Rahner propugnou a necessidade de criarmos “fórmulas breves da fé” (Kurzformeln des Glaubens: diversos artigos em *Sämtliche Werke* 26). Equivale a fazer teologia a partir de pontos concretos da fé, sem querer dizer tudo, sabendo que não dizer não significa negar. Tomando pontos cruciais que falam ao mundo atual, essas fórmulas suscitam a experiência da fé.

Por tudo que Rahner continua a nos ensinar, este ano do centenário de seu nascimento dá azo a inúmeras comemorações em todas as faculdades de teologia do mundo. Nada seria mais contrário a seu espírito que aproveitar essa oportunidade para infundadas e inócuas louvações. Certamente, aquilo a que os festejos nos devem conduzir e que permanece como tarefa para além de 2004 é a retomada de seu pensamento, uma leitura de Rahner que leve a uma segunda, uma terceira recepção de sua teologia que, justamente por ser tão árdua, contribuirá para o avanço da teologia e para recuperação da herança conciliar.